

CID SEIXAS

A POESIA

COMO

METÁFORA

DO

CONHECIMENTO

Através da vida em sociedade, o ser humano incorpora um conjunto de normas e crenças culturalmente compartilhadas, tomando os mitos aceitos pelo grupo como representações da realidade.

Aprisionado pelo espaço de convenção, o indivíduo forja seu ultrapassee, quer seja pelo desatino da loucura ou pelo invento da arte.

Poetas, profetas e loucos buscam articulações do real diferentes daquelas que são cristalizadas pela aceitação pacífica.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

A POESIA COMO METÁFORA
DO CONHECIMENTO

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
108 páginas

Os livros da e-book.br
apresentam alguns pontos divergentes
das normas da ABNT.



E-mail:
cidseixas@yahoo.com.br

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/ebook.br/docs/3.poesia>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
<http://www.e-book.ufes.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

A POESIA
COMO METÁFORA
DO CONHECIMENTO



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

Livro I:
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
Livro II:
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
Livro III:
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
Livro IV:
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
Livro V:
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
Livro VI:
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
Livro VII:
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
Livro VIII:
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO
Livro IX:
UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

SUMÁRIO

1	Teoria metafórica do conhecimento	9
2	Ideologia e conhecimento	19
3	A contravenção do real	41
4	Referências e Bibliografia	59
5	Livros do autor	99
6	Conhecer Pessoa	105

Fingir é conhecer-se.

FERNANDO PESSOA

Tu, místico, vês uma significação
em todas as coisas.

Para ti tudo tem um sentido velado.

Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.

O que vês, vê-lo sempre para verdes outra
coisa.

ALBERTO CAEIRO

TEORIA METAFÓRICA DO CONHECIMENTO

Os poemas de Fernando Pessoa que falam da relação do homem com o mundo podem ser vistos como uma espécie de teoria implícita dos processos de construção da realidade. Isto nos convida a traçar uma ponte aproximando os pressupostos filosóficos pessoanos de alguns tópicos da teoria do conhecimento.

Procuraremos os andaimes do edifício através de uma análise interpretativa do poema “Natal”, cuja versão corrente e mais conhecida é a seguinte:

“Nasce um deus. Outros morrem. A verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.

Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.
Um novo deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é oculto.”
(Pessoa, 1972, 139)

A compreensão do poema não oferece maior dificuldade ou, pelo menos, se presta a alguns exercícios de leitura, conflitantes entre si, quando buscam estabelecer o percurso de um significado.

Como qualquer interpretação, a que se segue não pode dar conta dos variados ângulos que compõem a riqueza do texto, servindo apenas de roteiro parcial para uma outra viagem pelas veredas do verso. No mais, toda interpretação fala mais do falante que do falado, fazendo do texto pretexto para ver no verso um espelho onde Narciso se esconde e mostra, quando se mira.

A bordo desta nau passaremos à margem de umas terras e ao largo de outras, permitin-

do do convés uma visão privilegiada de determinadas paisagens e, em consequência da própria perspectiva, voltando as costas para aquelas que continuam entre as não vistas. O processo arbitrário de seleção é o mesmo que faz com que o homem conheça as coisas apenas sob a face iluminada pela cultura, com suas conveniências e predileções. Assim, é certo, os olhos não veem o que veem, mas o que querem.

O homem diante do mundo e o leitor diante do texto experimentam a mesma surpresa ou a mesma indiferença. O texto é um mundo paralelo que, ao ser iluminado, também ilumina o mundo civil do cotidiano. Somente através de várias viagens pelo texto, os olhos perceberiam a cor de uma encosta, o perfil de um rochedo, ou a variedade de tons de um arbusto, que permanecem inexplorados. Cada viagem revelaria outras terras, que são as mesmas.

Assim prevenidos, narro as peripécias anotadas no diário de bordo. Ou melhor: transmito as impressões deixadas.

Merece atenção o fato de algumas palavras – *Verdade, Erro, Eternidade, Ciência e Fé* – es-

tarem grafadas com inicial maiúscula, enquanto uma outra, usualmente escrita desta forma, aparece com minúscula. Trata-se da palavra *deus*. Este fato traçou a primeira curva no roteiro da viagem: é evidente que o poeta não se refere a nenhuma concepção absoluta, ao Ser Supremo, mas à diversidade dos modos de conceber.

“Nasce um deus. Outros morrem.”

Não importa se estamos diante da multiplicidade de concepções de *Deus*, ou das múltiplas concepções do mundo, porque a palavra *deus* tanto remete, denotativamente, aos demiurgos, quanto, conotativamente, aos sistema de pensamento. É possível que ambos os sentidos fossem evocados pelo poeta.

No primeiro caso, a ideia é defensável a partir das preocupações de Pessoa, nos vários segmentos da sua obra, com as diversas religiões e suas transformações e substituições ao longo da história.

O iniciado logo percebe que o surgimento de um deus através de uma nova religião des-

carta a existência de outra divindade. Quando os cristãos aceitam a existência de um deus consubstanciado em três pessoas, estão rejeitando o deus do judaísmo. Do mesmo modo, a afirmação monoteísta de um ser superior representa a negação da concepção dualista de um deus e um diabo. Quando Cristo nasce para Paulo, convicto soldado de César, nasce também um novo deus destinado a substituir as figuras do panteon. A primeira missa no Brasil representa, simultaneamente, o nascimento de um deus e a sentença de morte dos deuses nativos, piedosamente exterminados com os povos do lugar.

No segundo caso, a palavra *deus* representa uma outra palavra, ou uma reunião de palavras: o significado primitivo se desdobra metonimicamente, num deslizamento do autor para a obra, ou do agente para o resultado. Como *deus* pode significar “o construtor de todas as coisas”, esta palavra pode também, graças ao deslizamento do significado, ser um significante que tem como sentido “concepção do mundo”. Assim, a expressão *nasce um deus, outros morrem* está ligada ao conteúdo

“surge uma concepção do mundo, outras desaparecem”, porque tanto *concepção do mundo* quanto *mundividência*, *ideologia*, *sistema filosófico* etc. são expressões cujos conteúdos estão presentificados na expressão *deus*, falada ou ouvida como metonímia.

O conceito de metonímia aqui adotado segue de perto o de Mattoso Câmara Jr.:

“Em sentido lato, é a figura de linguagem que consiste na ampliação do âmbito de significação de uma palavra ou expressão, partindo de uma relação objetiva entre a significação própria e a figurada. Com esta definição, a metonímia abrange a *sinédoque*, que a retórica antiga considera ao lado da metonímia *stricto sensu*, na base de distinções sutis. Em outros termos, podemos dizer que a metonímia coloca a palavra num campo semântico que não é o seu, na base de agrupamentos onomasiológicos das coisas extralinguísticas que não coincidem com os agrupamentos semânticos das formas linguísticas.” (Câmara Jr. 1974, p. 263)

Assim, a palavra vem grafada com inicial minúscula por se referir a uma série de ocorrências: as diversas concepções de um objeto que se afirma único. Já as palavras *Verdade*, *Erro* etc. tentam dar conta de concepções absolutas, puras ou maniqueístas; de substantivos próprios a uma experiência única.

Importante não perder de vista que o título do poema em epígrafe é “Natal”, embora isto não circunscreva o texto à evocação do Deus-Menino-Cristão, mas sirva para questionar os fundamentos do cristianismo (que, muitas vezes, coincidem com os fundamentos da cultura ocidental) e, em consequência, com os fundamentos do conhecimento.

Na poesia de Carlos Drummond de Andrade o natal também seria tomado metonimicamente, “anúncio que o mundo se faz e refaz”, ou como “infinita invenção da vida” (Andrade apud Oliveira et alii, 1972, p. 5), sublinhando portanto o permanente engendramento de concepções ou o contínuo processo de conhecimento que caracteriza a condição humana.

Se o natal sugere a muitos a criação da vida, e a sua dinâmica, o poema nos leva a ultrapas-

sar o sentido de *vida natural* – ou dádiva divina, segundo outros – para ir em busca do sentido de vida que é resultado do processo dialético entre a natureza e a cultura: como obra humana, portanto. É a construção da realidade pelo homem, através das suas mitologias, ciências e sentidos, que constitui o núcleo ideativo central do texto.

“A Verdade

Nem veio nem se foi: o Erro mudou.”

Aqui aparecem alguns elementos que podem ser tomados como primeiras indicações do agnosticismo evidenciado no verso final do poema. Mas podem também, estes mesmos elementos, contribuir para a demonstração da inexistência da Verdade enquanto categoria absoluta, valor imutável. Quando os homens se prendem às convicções religiosas, filosóficas e científicas para afirmarem suas crenças de detentores exclusivos da Verdade, estão exercitando o mesmo Erro: a incapacidade de perceber a construção dialética da *verdade* enquanto processo contínuo; por isso mesmo,

escrita com minúscula; porque resulta de uma aprendizagem constante, da qual nos fala a sociologia do conhecimento ao focar o alcance da ideologia. Quanto menos reconhecemos a tintura ideológica da nossa percepção objetiva mais nos ajustamos à ótica refratada pelas suas lentes. Esta lição elementar é repetida desde Bacon, mas passa despercebida ao longo da história do pensamento. Marx e Engels, por exemplo, preconizam a era do proletariado como o paraíso da ausência ideológica, difundindo o equívoco segundo o qual apenas os nossos adversários estão sujeitos à refração ideológica.

Contrariamente, a negação da crença que propõe a Verdade sem levar em conta a sua natureza plural tocava permanentemente o espírito criativo de Pessoa, constituindo um dos fundamentos da heteronímia.

Ao discutir as relações entre modernidade e despersonalização, Nelly Novaes Coelho (1973, p. XVIII) levanta o problema no âmbito da literatura portuguesa da primeira metade do século vinte, sem esquecer os antecedentes que vêm desde Baudelaire, passando

por Rimbaud e Mallarmé. Assim é que ela assinala dezenas de ocorrências desta manifestação de estranhamento do eu no primeiro número da revista *Orpheu*, para concluir que a criação dos heterônimos em Fernando Pessoa responde a uma imposição da modernidade. O poeta plural apenas se fez porta voz da palavra e do silêncio de uma tradição viva.

De igual teor é a constatação de Freud, que já em 1907, ao observar o romance europeu, antecipa uma questão que seria o ponto de partida da noção de dialogismo exposta por Bakhtin em *A poética de Dostoiévski*. O criador da psicanálise percebe, desde as suas primeiras incursões pela literatura, a “inclinação do escritor moderno de dividir seu ego, pela auto-observação, em muitos egos parciais, e em consequência personificar as correstes conflitantes de sua própria vida mental por vários heróis.” (Freud, 1908, p. 156) Esta seria uma explicação para o aspecto extraliterário, psíquico, portanto, do dialogismo e da moderna intertextualidade, por um lado, e da sua revolucionária correspondência na poesia: a heteronímia de Fernando Pessoa.

IDEOLOGIA E CONHECIMENTO

Vejam, a propósito desta diversidade de vozes e de verdades, uma nota solta e sem data, achada entre os papéis do poeta, que Maria Aliete Galhoz publicou:

“Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um lado

diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.” (Pessoa, 1976, 54)

Para não perdermos de vista a discussão a respeito da refração ideológica, e do seu imbricamento com o estranhamento do eu e a despersonalização, insisto na compreensão do texto acima, quanto a este problema.

Está em jogo aí a percepção de cada um dos indivíduos, percepção que, por sua vez, é condicionada pelo aparato ideológico, embora ela própria seja uma das fontes responsáveis pela constituição de tal aparato. A dialética do mecanismo criou alguns embaraços no século passado, quando alguns teóricos da ideologia tomaram-na como “falsa consciência”. Por estarem convictos da lisura dos seus pontos de vista, eles não compreendiam como os seus contendores pudessem defender opini-

ões contrárias, salvo por má fé não expressa, ou equívoco.

Esta suspeita grosseira evoluiu para a noção de falsa consciência quando se postulou que a má fé não constitui forma de apreensão ideológica. Mesmo Marx e Engels, tão atentos para os equívocos do pensamento do seu tempo, não se libertaram da noção valorativa de ideologia. Certos de que a consciência burguesa era algo de desprezível e contrário à verdadeira ordem das coisas, prenderam-se a uma utopia supra ideológica: a prometida era do proletariado. O seu próprio sistema filosófico, naturalmente, se inscrevia no pensamento da nova era, estando livre dos equívocos a que os demais estão passíveis. Nada mais ideológico do que uma concepção desta ordem. Neste particular, o marxismo, a psicanálise e a religião, a despeito das diferenças radicais que apresentam entre si, andam de mãos dadas. Com os instrumentos de um destes três diassistemas de conhecimento podemos flagrar as contradições dos outros dois... Parafraseando, de modo mal canhestro, o verso pessoano: a ideologia é o nada que é tudo.

A perplexidade manifestada pelo poeta, ao se deparar com a dupla existência da verdade, transgride o lugar comum da certeza e ataca o fantasma ideológico que move os fios das marionetes da cultura: o ser social.

É assim que no poema dramático “Primeiro Fausto” a questão volta à tona. Dividido em cinco unidades (primeiro tema: “O mistério do mundo”; segundo tema: “O horror de conhecer”; terceiro tema: “A falência do prazer e do amor”; quarto tema: “O temor da morte”, e, finalmente, “Dois diálogos”), este poema, ou conjunto de poemas, é marcado pelo problema do conhecimento, no qual se insere, necessariamente, a especulação sobre a verdade e a realidade. Muitos dos seus versos são tomados em confronto com as instâncias analisadas do poema “Natal”, num exercício de captura do diálogo intertextual.

“Já cheguei a aceitar como verdade
O que nos dão por ela, e a admitir
Uma realidade não real
Mas não sonhada, (como o) Deus Cristão.”
(Pessoa, 1972, 455)

“Nem que conheças de Frente o Deus,
Nem que o eterno te dê a mão,
Vês a verdade, rompes os véus
(...)”

Todos os astros, inda os que brilham
No céu sem fundo do mundo interno
São os caminhos que falsos trilham
Eternos passos do erro eterno.”
(Pessoa, 1972, 456)

Pessoa está dividido entre a descoberta da múltipla existência da verdade e a sua inacessibilidade. Divido, portanto, entre uma perspectiva dialética, compreendendo a verdade como processo que se constitui sem excluir as próprias contradições, e uma perspectiva platônica. Esta última divide o mundo entre essência e aparência, situando os fatos sociais (humanos, relativos ao mundo, portanto) na esfera do ilusório. Daí para o agnosticismo subjetivista o caminho é largo. “Nem que o eterno te dê a mão, / Vês a verdade, rompes os véus” são versos pessoanos que encerram uma proposição idêntica àquela contida na *ale-*

goria da caverna, onde o objeto da percepção humana é comparado às sombras projetadas no fundo de uma caverna pelas coisas do mundo exterior, como se a realidade do homem fosse outra diversa daquela que é construída a partir do encontro dos sentidos com o mundo dos objetos. Tomando-se o objeto, conforme a lição de Bertrand Russel (1964) como tudo aquilo que se confronta com o sujeito. Na *República* (Livro VII, p. 203-205), Platão sustenta o pressuposto segundo o qual o conhecimento do mundo sensível é ditado pela subjetividade, que não conhece os verdadeiros objetos, mas a representação, o aparente, ou a sombra do real; aquilo que a condição de prisioneiro dos sentidos deixa o homem perceber.

Mas Pessoa não consegue optar entre uma e outra perspectiva. Mesmo o seu pensamento, as suas anotações de caráter filosófico, mantêm um traço típico da poesia: a ambivalência. Ou, se preferirem, o *malentendu*, cuja apologia Lacan soube tão bem fazer, afirmando que a linguagem brinca com a ambiguidade e que, o tempo todo, o sujeito falante não sabe

o que diz. No dito acima tento reproduzir o espírito do original lacaniano, onde se lê:

“Le langage jous entierement dans l’ambiguité, et la plupart du temp, vous ne savez absolument rien de ce que vous dites. Dans votre interlocution la plus courante, le langage a une valeur purement fictive, vous prêtez à l’autre le sentiment que vous êtes bien toujours là, c’est-à-dire que vous êtes capable de donner la réponse qu’on attend, et qui n’a aucun rapport avec quoi que ce soit qu’il soit possible d’approfondir. Les neuf dixiemes des discours effectivement tenus sont à ce titre complètement fictifs.” (Lacan, 1981, p. 131)

E completa, mais adiante: “je vous enseigne que le fondement même du discours interhumain est le malentendu.” p. 184.

A recorrência quase obsessiva ao problema do conhecimento na obra de Fernando Pessoa tem levado alguns críticos a considerarem alguns dos seus textos mais de um filósofo que de um poeta, sustentando o argumento na

natureza da dicção de alguns poemas específicos. No Primeiro *Fausto*, por exemplo, a densidade e a elaboração do pensamento contrastam com a expressão carente de um ritmo poeticamente sedutor nos mal sucedidos versos filosofantes.

Mas o predomínio da ambivalência, da múltipla significação, ou da ausência de um significado em favor de um *significando*, distinguem o texto poético do pragmático, isto é, daquele que tem uma função e uma tarefa no contexto da vida prática – como o discurso da ciência, ou das disciplinas que não se pretendem ciência. Isto, naturalmente, *malgré* Lacan que, partindo do discurso do analisante, ou do neurótico, onde Freud descobre o não dito, quer estender o predomínio do difuso a toda linguagem (especialmente àquela que rejeita, enquanto disciplina, a presunção de ciência, ou saber que enforma a consciência). Os escritos lacanianos procuram a região fronteira entre o ensaio e a poesia – o discurso literário *stricto sensu*. Mas a diferença permanece e é ela que dá sentido à afirmação de Pessoa, em um manuscrito de 1910 conhecido como

“Predomínio do sentido interior”: “Era eu um poeta estimulado pela filosofia e não um filósofo com faculdades poéticas.” (Pessoa, 1976, p. 36)

Fernando Pessoa tinha percebido que o modo de formar a realidade, ou, na terminologia da glossemática hjelmsleviana, a *formação dos conteúdos*, constitui o traço distintivo fundamental da natureza artística. Tal modo de formar dissonante, aqui identificado com a transgressão da realidade cultural, compreende aquilo que ele denomina *descobrir no imperceptível através do diminuto*: “Meu senso íntimo predomina de tal maneira sobre meus cinco sentidos que vejo coisas nesta vida – acredito-o – de modo diferente do de outros homens.”

Há, portanto, segundo a teoria pessoana, uma ruptura entre o modo de formar “de outros homens”, ou da língua socialmente compartilhada, e os modos de formar de cada uma das línguas mutantes de que se valem os poetas. Estes vão em busca de “um tesouro de significado” nas coisas mais triviais, ou ridículas. “É que a poesia é espanto”, diz ainda o poeta,

“como de um ser tombado dos céus, a tomar plena consciência de sua queda, atônito diante das coisas. Como de alguém que conhecesse a alma das coisas, e lutasse para recordar esse conhecimento, lembrando-se de que não era assim que as conhecia, não sob aquelas formas e aquelas condições, mas de nada mais se recordando.” (Idem)

O poeta mergulha sem rumo no espaço de transgressão e, ao voltar ao espaço civil, tenta reconstituir os contornos do mundo captado para ampliar, com os dados colhidos na outra face das coisas, o mundo social do seu tempo.

E enquanto isso, somos compelidos a uma viagem intertextual para recolher amostras de palavras que dizem precisamente aquilo que Pessoa condensou nos versos:

“Nasce um deus. Outros morrem. A verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.”

Já os dois versos finais deste primeiro quarteto propõem:

“Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.”

Através da busca permanente do homem, sepultando velhos deuses, ou velhos mundos, e erguendo novos, sem encontrar a Verdade, temos acesso a outros universos. Mas a insatisfação permanece, com a suspeita de que era “melhor o que passou”. Quando o homem encontra novos caminhos, encontra também a dúvida que torna seus passos vacilantes entre sendas com promessas luminosas. Não sabe se a história é, de fato, uma linha ascensional, uma espiral, ou se um labirinto circular aprisionado no infinito, onde as marcas de Teseu se perdem.

O progresso, que inventa mísseis e desvenda o âmago da matéria, grava a riscos de *laser* um outro desenho rupestre: o remoto ancestral não mais empunha uma clava. Está sentado numa poltrona giratória. No visor do radar o século XXI. Suas mãos, ainda afeitas às lascas de pedra pontuda, dedilham botões de eficaz e mortífero aparato tecnológico. É o

homem presente. Tão atual e tão rude quanto o avoengo da caverna primitiva.

A crítica da cultura aponta um trágico desequilíbrio entre o desenvolvimento material e o aprimoramento moral dos homens. Enquanto somos cada vez mais adultos tecnologicamente, rejeitamos a responsabilidade do amadurecimento moral: nenhuma ética ameniza os meios de conquista do poder. Se na horda primitiva uma ou outras regras eram suficientes para presidir a disputa entre os músculos dos machos, a cibernética aciona forças infinitamente maiores, enquanto o homem não dispõe de recursos para enfrentar a indigência ética. Não mais precisamos lavar as mãos depois de matar. Elas permanecem limpas. O sangue deságua distante, onde os mísseis alcançam. Valeu a pena? O poder é bem maior, mas a alma ainda é pequena.

Os versos 3 e 4 da primeira estrofe do poema *Natal* apresentam variantes encontradas nos originais do autor:

“Temos agora uma outra realidade
E é *sempre triste* haver o que passou.”

As expressões em destaque são variantes do texto. Ver a referência ao original encontrado entre os papéis de Fernando Pessoa, às páginas 686-687 da *Obra poética* aqui utilizada, no item “Apêndice: Notas e variantes”.

No caso do verso 3, a variante é bastante significativa: a palavra *Eternidade* na versão publicada, em substituição a *realidade*, reforça a leitura metonímica de *deus*. Como estão em jogo os planos terreno e extraterreno, a ambivalência é acentuada com a utilização de uma palavra com conotação metafísica para significar também o plano social *lato sensu*. Esta substituição, além de ampliar o sentido da palavra ausente representada (a palavra *realidade*), serve para manter o vocabulário do poema em harmonia com o possível aspecto teológico do tema.

Já a variante encontrada do quarto verso não nos ajuda em nada, no tocante ao caminho interpretativo seguido, onde o sintagma “E é sempre triste haver o que passou” acentua, mais intensamente do que a forma constante na edição corrente do poema, a nota saudosista portuguesa que impregnou o espírito

peçoano. Enxugada a sentimentalidade romântica da forma variante, a versão definitiva do texto desvia e atenua o traço saudosista, do sujeito da enunciação para o sujeito do enunciado. O poema é liberado do tom confessional, comum à poesia portuguesa, em favor da impessoalidade.

Há um outro dado no original datilografado do poema que se insere na linha elucidativa anterior: o título primitivo do poema era “Raeconstruction”. Podemos dizer que o signo *raeconstruction* está para *Natal* do mesmo modo que *realidade* está para *Eternidade*. A mesma cadeia de ilações é aplicável.

Se *realidade* e *Eternidade* podem estar, figurativamente, uma em lugar da outra, a primeira com uma carga mais concreta, imediata, e a segunda explorando a própria possibilidade de transcendência da primeira, a noção de “reconstrução” também está atrelada ao conceito de “Natal”. No original, o título “Raeconstruction” evidenciava a direção do significado, propondo uma linha de leitura bastante definida. Substituído, metonimicamente, pelo título “Natal” (do mesmo modo que a

palavra *deus* aparece como significante metonímico), o poema perde em clareza, em univocidade, para ganhar em profundidade e em plurivocidade. Além de toda evidência que o conceito, resgatado por extensão semântica, de “reconstrução” aponta, o representante metonímico *Natal* acena para uma leitura também metafórica, onde a voragem das associações livres do fruidor projeta a luminosidade difusa e feérica que constitui o alumbramento do discurso poético pessoano.

Extraídas as sugestões do confronto entre o texto corrente e uma variação do original, passemos ao último quarteto do poema, versos 1 e 2:

“Cega, a Ciência a inútil gleba lava.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.”

Duas formas de conhecimento, *ciência e fé*, antecedidas pelos epítetos *cega e louca*, podem ser utilizadas como argumentos agnósticos. Mas a impossibilidade de conhecer aí se dá quando o objeto a ser conhecido é igualmente impossível. Em outras palavras, quando pro-

curamos objetos absolutos, universais (quer sejam estes objetos *Deus* ou *Realidade*), encontramos, sempre, em seu lugar, outros objetos-sígnos: um *deus* e uma *realidade* que são tomados como se fossem os sonhados e utópicos objetos universais *Deus* e *Realidade*.

É ainda um trecho do “Primeiro Fausto” que ilustra o problema:

“O segredo da Busca é que não se acha.
Eternos mundos infinitamente,
Uns dentro de outros, sem cessar decorrem
Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses
Neles intercalados e perdidos
Nem a nós encontramos no infinito.”

(Pessoa, 1972, p. 455)

Assim, o que parece uma forma desvairada de agnosticismo nos versos do poema “Natal” é um rigoroso projeto de conhecimento, onde os objetos cognoscíveis precisam ter seus limites estabelecidos, porque, como já se propôs, o infinito é incognoscível.

Não é de estranhar, portanto, uma leitura que identifique agnosticismo no poema, onde

o estabelecimento de limites é a marca nodular. O mesmo ocorre na filosofia, com Wittgenstein, por exemplo. O referido rigor do seu *Tractatus Logico-Philosophicus* já foi visto como “um tão radical agnosticismo”, especialmente pela sua convicção de que é a linguagem que estabelece o limite do conhecimento.

Carlos Nelson Coutinho no livro *O estruturalismo e a miséria da razão*, procura identificar irracionalismo e agnosticismo em Wittgenstein, numa leitura evidentemente comprometida com sua perspectiva ideológica. Observe-se que a compreensão de Coutinho (1972, p. 44-450) propõe a Razão como bandeira, ou ponta de lança da atividade humana, forçando uma interpretação inexata do pensamento de todos aqueles que acreditaram, como Cassirer acreditou, que a razão – atrelada à noção clássica de consciência – é, apenas, um dos atributos do homem.

Como na época de Marx, conceitos como *inconsciente*, no sentido freudiano, e *simbólico*, no sentido cassireriano, ainda não haviam sido formulados, alguns marxistas *anistóricos*

ou *anhistóricos* (conforme o usuário do termo filosófico) desconsideraram, em pleno século XX, as aquisições das ciências do homem posteriores a Marx e Engels. Toda teoria que vai além do consciente e do racional é vista com suspeita, como se a história da inteligência tivesse parado no século XIX e a dialética não fosse uma operação histórica. Além disso, toda ciência produzida nos países capitalistas foi rejeitada como ciência burguesa... e como se a verdade fosse privilégio de um dos lados da fronteira – mesmo que esta fronteira não exista.

Foi esta mesma fé, com seus dogmas, que condenou ao silêncio, durante o império stalinista, um dos mais lúcidos filósofos marxistas, Adam Schaff. E esta mesma obsessão operou o milagre do desaparecimento ou do expurgo de Marr, discípulo de Bakhtin que emprestou o seu nome para a publicação do livro do mestre, intitulado *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicamente condenado por Stálin, numa entrevista imposta ao leitor, através do *Pravda*. Essa delicada questão é trata-

da, dentre outros, por Coutinho (1972), Voght (1977) e Seixas (1979).

“Não haverá
Além da morte e da imortalidade,
Qualquer coisa maior? Ah, deve haver
Além da vida e da morte, ser, não ser,
Um inominável supertranscendente,
Eterno incógnito e incognoscível!

Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo.
Pr’a que pensar, se há de parar aqui
O curto voo do entendimento?
Mais além! Pensamento, mais além!”
(Pessoa, 1972, p. 457)

Nestes versos que se aproximam do poema tomado como objeto de análise, pela diálogo intertextual, a impossibilidade de conhecer tudo aquilo que se situa para além das configurações possíveis é substituída pela aventura do voo sem roteiro. O pensamento é lançado livremente para o território desconhecido. Outro não é seu destino, seu espaço, ou geografia.

Na sua ambivalência, ao deixar de ser considerado agnóstico, o poema “Natal”, visto no contexto da obra do autor e explorada a intertextualidade, defende uma metodologia do conhecimento e procede à crítica do método que conduz ao agnosticismo.

Por isso é que nomeia como “inútil gleba” o objeto refratado pela ciência, numa evidente crítica aos seus mecanismos de conhecimento. Quanto à fé, seria menos uma forma de conhecimento e mais uma forma de ritual que “vive o sonho do seu culto”. Em termos mais radicais, ainda no “Primeiro Fausto”, Fernando Pessoa rejeita a atribuição de um lugar para a fé entre as formas de conhecer:

“A fé é isto: o pensamento
A querer enganar-se eternamente.”
(Pessoa, 1972, p. 465)

Pessoa associa a fé à loucura, tomando como elo o seu caráter enganoso e consolatório. Sabe-se que a loucura é um estado resultante de uma percepção alternativa dos fatos, como modo de substituir o desprazer experimen-

do diante da configuração da realidade circundante. Se os acontecimentos são desfavoráveis à minha busca de prazer, eu fantasio outros acontecimentos mais satisfatórios. É a constante opção pelo *princípio de prazer*, em detrimento do *princípio de realidade* (Freud, 1920) que me leva a habitar permanentemente o reino da fantasia. Esta viagem sem retorno caracteriza os estados chamados de loucura. Seria, portanto, uma forma de fuga, bem a gosto dos poetas e romancistas do século XIX que assentaram as linhas do Romantismo como estilo de época e sistema ideológico identificados com o viver burguês oitocentista.

Desde o início do século XX que Freud vem tratando da questão, primeiro no artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, que já expunha os conceitos posteriormente discutidos no livro *Além do princípio de prazer*, publicado cerca de deztoito anos depois.

É em Fernando Pessoa que vamos buscar material para afirmar que a transgressão operada pela arte se distingue da transgressão pela neurose, por se converter em força produtiva. A arte não propõe uma acomodação, a partir dos mecanismos interiores, mas uma tradução destas motivações para uma linguagem socialmente compartilhável, como forma de atuação sobre as relações estabelecidas.

A CONTRAVENÇÃO DO REAL

Não por acaso, estas duas construções alternativas da realidade, fé e loucura, são identificadas com uma terceira: a arte, ou a poesia, no sentido genérico do termo. A cadeia comum de aproximações que fazem parte do anedotário popular, reunindo o poeta, o profeta e o louco numa só praça de desatinos, não passa despercebida à teoria da transgressão. Ciente de que o chiste é uma manifestação da verdade que se esconde e mostra, esta teoria procura a essência das três formas de transgressão da realidade e a especificidade de cada uma delas. No livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* Freud faz uma revi-

são da bibliografia sobre o assunto, analisando também as implicações do chiste com o cômico, ou o riso, conforme a denominação de Bergson.

Em diversas passagens da sua obra, Freud sente-se tentado a interpretar a arte e, não raramente, a literatura, em especial. Na sua doutrina, no entanto, a transgressão pela arte não adquire a característica de forma de alteração do mundo exterior que a teoria da transgressão tenta evidenciar.

Para ele, a arte é capaz de operar a reconciliação entre os dois princípios do funcionamento mental, o *princípio de prazer* e o *princípio de realidade*, de um modo eficaz e peculiar. Considerando o artista como alguém que se afasta da realidade estabelecida por não aceitar a renúncia à satisfação dos seus instintos e desejos, que a civilização exige, Freud identifica a fantasia como o lugar ideal para o exercício da liberdade dos desejos eróticos e ambiciosos que não se realizam na vida social. Se o sonhador contumaz corre o risco de trocar a realidade dos outros homens por esta forma de realidade interior, sem marcar a passagem

de retorno, o artista assegura seu lugar no espaço da cultura pela via da contravenção institucionalizada. Embora presente aos outros homens uma nova opção para o exercício da cidadania, ele continua sendo visto como um contraventor do real. Os meios e processos utilizados pelo artista para conseguir o seu intento e realizar o seu trabalho deixa de ser objeto da sociologia para ser requisitado pela psicopatologia: “Assim, de certa maneira, ele na verdade se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo. Mas ele só pode conseguir isto porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele com a renúncia exigida pela realidade, e porque essa insatisfação, que resulta da substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, é em si uma parte da realidade.” (Freud, 1911-1913, p. 284)

Ao analisar a constituição do fenômeno estético Freud tem em mira os seus aspectos psíquicos; marcando, inclusive, o percurso que lhe permitiu, através da arte, formular alguns

dos postulados da psicanálise. Assim, a arte é reduzida a um capítulo da psicopatologia, muito embora, com justiça, não se possa acusar Freud de desconhecer o que ele mesmo chamava de “mistério da arte”. Em outras palavras, ele dá conta dos fatos inerentes à arte que dizem respeito aos mecanismos psíquicos, mas percebendo que esta manifestação do espírito transcende os temas da psicopatologia, prefere agrupar o conjunto de implicações outas na categoria do “mistério da arte”, bem a gosto da tradição do século dezanove, ainda vigente.

Não esqueçamos que o polêmico ensaio crítico de João Gaspar Simões “Fernando Pessoa e as vozes da infância”, sobre o “caso pessoano”, onde o instrumental freudiano servia para desvendar os misteriosos labirintos do poeta, apareceu no livro denominado *O mistério da poesia. Ensaios de interpretação da gênese poética*, em 1931.

Outro poeta-crítico da geração da revista *Presença*, Adolfo Casais Monteiro, a mesma que incorporou os fundamentos da poética pessoana, também se deixou seduzir pelo “mis-

tério da poesia”, no livro *A palavra essencial*, publicado três décadas depois. “Embora possa ter tomado proporções de moda, com abusos nada favoráveis a generalizar-se o seu reconhecimento, a admissão de que há um ‘mistério da poesia’ é, seguramente, um ganho que a nossa época tem no seu ativo”. (Monteiro, 1965, p. 40)

Para desmitificar este “mistério”, devem ser sublinhados, com o mesmo vigor que Freud sublinhou o aspecto psíquico, o papel social da arte e a natureza do seu discurso. Considerado este papel, a arte não será apenas um mecanismo sublimatório, mas uma forma de compromisso para com a realidade: um modo de atuação e modificação das atitudes que constroem o plano do real. Considerada a natureza deste discurso, aparecerá o processo dialético que estabelece a tensão entre o inconsciente e o intencional. Ou, como queria Fernando Pessoa: quanto maior a subjetividade, maior terá que ser a objetividade do artista.

Pessoa, que mesmo antes de conhecer a obra de Freud, responsável por uma substancial revisão da ciência no século XX, atribuía à

neurose um papel preponderante na definição do gênio criador, não esqueceu a sua natureza social, nem aceitou a possível redução da arte à condição sublimatória. Uma nota não concluída intitulada “Ideias estéticas. Da arte”, de 1916, termina assim: “A arte é o aperfeiçoamento do mundo exterior. Ora este aperfeiçoamento (da realidade) pode fazer-se de três maneiras, pela alteração do mundo exterior...” (Pessoa, 1976, p. 237) Onde colocamos as reticências, o original foi interrompido, sem que sejam explicitadas as três maneiras de aperfeiçoar a realidade. Uma coisa, porém, é indiscutível: para ele, a arte altera o mundo exterior e atua sobre o meio social, como forma de marcar o seu discurso, enquanto pertencente a um sistema próximo porém diverso do discurso do histérico.

É em Fernando Pessoa que vamos buscar material para afirmar que a transgressão operada pela arte se distingue da transgressão pela neurose, por se converter em força produtiva. A arte não propõe uma acomodação, a partir dos mecanismos interiores, mas uma tradução destas motivações para uma linguagem

socialmente compartilhável, como forma de atuação sobre as relações estabelecidas. Mesmo que o artista, enquanto analisante, não apresente um quadro psicopático diverso dos demais locutores do divã freudiano, a sua especificidade se faz enquanto artista, enquanto homem cuja tarefa no seio da sociedade é estabelecida pelo ofício. E a função desse oficial, desse artífice do imprevisto, é precisamente construir uma outra dimensão do real em terreno cediço, como forma de ampliar o espaço disponível para o exercício da condição social do animal humano.

Acompanhando a linha interpretativa escolhida, onde a intertextualidade funciona como um plano de leitura possível, resta-nos agora acrescentar alguns dados para circunscrever os dois versos finais do poema pretexto. Texto tomado como ponte para ligar a poesia de Pessoa à especulação sobre o conhecimento do mundo.

De certo modo, a leitura dos versos seguintes está antecipada ao longo da leitura dos versos precedentes do poema, bem como nas frequentes remissões a outros poemas, pondo em

destaque momentos da poesia pessoana onde a temática em epígrafe eclode com maior evidência.

“Um novo deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é oculto.”

A teoria da linguagem e a teoria do conhecimento estão perfeitamente imbricadas, como as telhas de um telhado, na tradição filosófica que vem dos sofistas, passa por Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e Vico (não obstante a declarada tendência antissofística do pensamento patrístico), para ganhar seu estatuto maior no *Ensaio acerca do entendimento humano*, de Locke. Três outros filósofos, com preocupações e características distintas, como Condillac, Wittgenstein e Cassirer têm em comum a certeza de que o conhecimento passa necessariamente pela linguagem.

Condillac: “Mas o que é no fundo a realidade senão uma ideia geral e abstrata que existe em nosso espírito? É apenas um nome.” (Condillac, 1780, p. 111) Wittgenstein: “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.” (Wittgenstein, 1921, p. 5-7)

Com isso quero dizer que o verso de Fernando Pessoa – “Um novo deus é só uma palavra” –, lido no contexto do poema, nos remete a toda esta tradição filosófica que apresenta a linguagem como responsável pela construção da realidade.

“Do eterno erro na eterna viagem,
O mais que exprime na alma que ousa,
É sempre nome, sempre linguagem,
O véu e a capa de uma outra cousa.”

(Pessoa, 1972, p. 456)

Com seus equívocos e acertos, a linguagem é o meio por excelência do conhecimento humano. Freud descobriu, na sua prática clínica que a consciência aparece com a linguagem, o que aproxima sua descoberta da proposição de Marx e Engels: “A linguagem é tão velha como a consciência: é a consciência real, prática, que existe também para outros homens”. (Marx & Engels, 1846, p. 36)

No conhecido *Projeto de 1895*, onde se constrói um rigoroso esquema dos processos psíquicos, destinados à apresentação da psi-

colgia aos neurologistas, Freud sistematiza pela primeira vez as relações da consciência com a linguagem, ou com as *representações verbais*. É neste texto que ele faz a distinção entre *realidade material*, ou *realidade concreta*, e *realidade psíquica*, sublinhando a dependência da esfera humana para com esta última, também chamada de “realidade de pensamento ou das indicações da fala”. (Freud, 1895, p. 499)

Em um texto escrito cerca de trinta anos depois do *Projeto*, ele observa:

“O papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros.” (Freud, 1912-1915, p. 36)

Na passagem seguinte, por justaposição de um texto anterior, o raciocínio de Freud (1911-1913, p. 281) se aclara:

“É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre as impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais.”

Ou ainda:

“Pensar em figura, portanto, é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se consciente. De certa maneira, também, ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras, sendo inquestionavelmente mais antiga que o último, tanto ontogenética quanto filogeneticamente.” (1912-1915, p. 34)

Ao estabelecer o vínculo entre linguagem e consciência, Freud tanto concorda com Marx

e Engels, quanto com o neopositivismo lógico aqui apresentado por Wittgenstein. Suas descobertas confirmam a tese segundo a qual toda vez que um determinado assunto é dominado pela consciência do homem, este domínio se dá através de palavras, o que quer dizer que o assunto pode ser expresso também por palavras. Assim, quanto mais claramente aparece diante da consciência, mais claramente poderá ser expresso.

Uma tal constatação, aparentemente evidente, entra em choque com a crença da infabilidade, segundo a qual sabemos das coisas, mas o sabido não pode ser expresso por palavras. O próprio método freudiano de psicoterapia, a psicanálise, se sustenta no poder da linguagem de trazer os fatos difusos para o domínio da consciência. Quando o analisante expressa no seu discurso um conflito de modo claro e preciso, este conflito venceu a barreira do recalque e conseguiu um lugar entre os fatos trazidos para a consciência. Contrariamente, a expressão discursiva difusa conota a natureza igualmente difusa do conteúdo. Um exemplo são os sonhos, tradu-

zidos da linguagem “poética”, sustentada em *condensações e deslocamentos* (identificadas por Lacan com a *metáfora* e a *metonímia*, por inspiração da poética jakobsoniana), para a linguagem denotativa do relato objetivo. Para que o analisante chegue ao seu desejo manifestado inconscientemente através dos sonhos, o analista pede um relato (verbal) destes sonhos. A passagem das ricas figuras oníricas para o relato através de paráfrases pode significar também a passagem de um sistema para outro: do inconsciente para o consciente.

Por analogia, o mesmo se dá com a interpretação dos textos poéticos. Ao traduzir os tropos e tropeços que constituem o encanto de um romance ou de um poema, através de paráfrases e outros artifícios utilizados pelo crítico, aquilo que o artista não se apercebeu de ter dito pode estar sendo resgatado. Por analogia, porque foi precisamente nos textos literários que Freud foi buscar sustentação para sua *Interpretação de sonhos*, livro que abriu o século XX, revolucionando a ciência e assentando as bases de uma nova disciplina que não aceitava os limites de um simples método de

psicoterapia. Efetivamente, a psicanálise é muito mais do que isso, daí a legitimidade da sua constante presença, ao lado de outras ciências da cultura, nos argumentos deste ensaio.

Alimentando o diálogo intertextual e interdisciplinar –enquanto Pessoa propõe que é a palavra que inaugura um novo deus, Lacan arremata: “Não há a mínima realidade pré-discursiva”. (Lacan, 1982, p. 46) Um pouco mais adiante, ele fecha o círculo afirmando: “O significado é efeito do significante” (p. 47). “Não procures nem creias: tudo é oculto.” Ou, seguindo o sentido do significante, *tudo é o culto*. Fora dos domínios da linguagem, ou dos seus limites, como quer Wittgenstein, tudo será simplesmente absurdo. Vejamos uma passagem do Prefácio de Wittgenstein ao seu *Tractatus logico-philosophicus*:

“Poder-se-ia apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: em geral o que pode ser dito, o pode ser claramente, mas o que não se pode falar deve-se calar. Pretende, portanto, estabelecer um limite ao pensar,

ou melhor, não ao pensar mas à expressão do pensamento, porquanto para traçar um limite ao pensar deveríamos poder pensar ambos os lados desse limite (de sorte que deveríamos pensar o que não pode ser pensado). O limite será, pois, traçado unicamente no interior da língua; tudo o que fica além dele será simplesmente absurdo.” (Idem, p. 53)

O jogo das rimas no poema torna-se claro, pois as relações entre os sons implicam em relações de sentido, como propõe Jakobson (1976), ao intitular um dos seus livros *Six leçons sur le son et le sens*. Trata-se da publicação de uma série de conferências proferidas em 1942, na Escola Livre de Altos Estudos, fundada em Nova Iorque por exilados franceses e belgas. A assistência das conferências era formada por nomes ilustres da linguística e da antropologia estruturais, como Charles Hockett, Thomas Sabeok, Claude Lévi-Strauss, J. Mattoso Câmara Jr. e Paul Garvin.

Obedecendo ao esquema ABAB, CDCD, o poema rima *verdade* com *Eternidade* – num

jogo de relações semânticas que constituem o núcleo temático –, *mudou* com *passou*, *lavra* com *palavra*, *culto* com *oculto*. As relações são evidentes: a palavra *lavra* o conhecimento e o *culto* cultua o *oculto*. Jakobson, em parceria com Luciana Stegagno Picchio (1970), na sua análise estrutural de um outro poema de Pessoa, chama atenção para a obstinada consciência dos mecanismos estruturais do texto encontrada na poesia pessoana, o que confirma a suspeita de que, mesmo os poemas aparentemente mais “espontâneos”, como nos heterônimos Campos e Caeiro, resultam de uma rigorosa carpintaria poética.

Se o culto de categorias universais transforma o mundo em fenômeno, a realidade social, não universal, portanto, abre as veredas do conhecimento. *A espantosa realidade das coisas é a minha descoberta de todos os dias*, ensina o mestre Caeiro, para aplacar a ânsia de conhecer além do tangível que atormenta Pessoa, uma das máscaras do poeta Fernando. Ou melhor: num dos rostos que encobrem a máscara de um incerto Fernando Antônio Nogueira Pessoa, astrólogo estabelecido na cida-

de de Lisboa e correspondente comercial na
mesma praça. Poeta no mundo inteiro.

“Nos vastos céus estrelados
Que estão além da razão,
Sob a regência de fados
Que ninguém sabe o que são,

Há sistemas infinitos,
Sóis centros de mundos seus,

E cada sol é um Deus.

Eternamente excluídos
Uns dos outros, cada um
É universo.”

(OP, 455)

Aceita esta perspectiva, para que buscar a Verdade? A única e Verdadeira? A verdade do meu mundo, singular, minúscula, das minhas contingências históricas e históricas, é a verdade. A verdade do seu mundo, quando rompe o meu, dando a ele uma dimensão sociável ou cumprindo o impulso de Eros, a linha

ascensional da vida, é a verdade. E cada sol é um Deus. O trabalho de Eros é fazer com que não vivam eternamente excluídos uns dos outros.

Que vivam constelados, como o próprio Pessoa, na poesia, buscando a interseção dos trajetos.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada e não referenciada.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, nº 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, M^a de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pes-

- soa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
 1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
 1969 *Le langage et la construction du monde des objets*, in:

- CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.
- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco

- M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
- 1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
- 1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

- Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- CURTIUS, Ernest Robert
 1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CURY, Jorge
 1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.
- DAL FARRA, Maria Lúcia
 1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.
- DEGÉRANDO, Marie-Joseph
 1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELVÉTIUS & DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.
- DEMÓCRITO (de Abdera)
 1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.
- DIAS, M^a Heloisa Martins
 1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan
 1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugal, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII.

- Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O tema dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An

- autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João

- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n° 199, Lisboa, 28 abr. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n° 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
- 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
- 1975 *Sobre o sentido. Ensaaios semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
- 1975 *Ensaaios de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
- 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.

HOBBS, Thomas

1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.

JACQUART, Emmanuel

1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.

JAKOBSON, Roman

1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.

1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.

1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.

1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.

1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.

1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência

- proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
 1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.
 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

- KAYSER, Wolfgang
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.
 1974b *Introdução à semánlise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- LEACH, Edmund
1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d.. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M^a Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M^a Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n^o 1, 1^o semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapaspe: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N^o 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n^o 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

- LOCKE, John
 1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- LOPARIC, Zeljko
 1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.
- LOPES, Oscar
 1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.
- LOPES, Teresa Rita
 1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.
- 1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.
- LOURENÇO, Eduardo
 1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.
- 1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- 1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.
- LUKÁCS, Georg
 1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomina a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho &

- Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^a Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
- 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
- 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André

- 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
- 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mímese. Ensaio sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

MIAZZI, M^a Luísa Fernandez

1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOISÉS, Massaud

1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)

- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
- 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
- [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
- 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
- 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
- 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres Fº, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito

- 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
 1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Adelmo et alii
 1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batina de Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso
 1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PADRÃO, M^a da Glória
 1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
 1985 *Gregos & baianos; ensaios*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de
 1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
 1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio

- 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders
 1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
 1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
 1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
 1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando

- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caetano*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6^a ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.

- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
- 1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
- 387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
- 1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por María Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgard Alan
- 1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Miltom Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
- 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
- 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes.

- São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, Antônio
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy
1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
1969 *O folclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 157-191.

- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
- 1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David
- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do ro-

mantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.

SANTAELLA, Lúcia

1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.

SANT'ANNA, Affonso Romano de

1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.

SANTOS, Wendel

1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.

1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.

SAPIR, Edward

1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.

SARAMAGO, José

1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.

SARTRE, Jean-Paul

1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand de

1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.

SCHILLER, Friedrich

1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.

SHAFF, Adam

- 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M^a Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3^a ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et verité]; trad. M^a Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SECCHIN, Antonio Carlos

- 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

SEIXAS, Cid

- 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n° 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como o elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 582. Belo Hozironte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 612.

- Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, n° 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, n° 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, n° 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, n° 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.

- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/>

- e-book.br/docs/eros.
- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de
1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar
1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Clefs pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan
1978 *O simbolismo em geral* [Le syymbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.
1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.
- STAROBINSKI, Jean
1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand

- de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano
1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio
1984 *Pessoaana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan
1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.
- TOMACHEVSKY, Boris
1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura*:

- formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo
 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.
 1979b *Textos da suma teológica* [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio
 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.
 1978 *Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem*. In: *As raízes ideológicas das teorias socias*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.
- TROTSKY, Leon
 1971 *A escola poética formalista e o marxismo*, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman
 1971 *Os problemas dos estudos literários e linguísticos*, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen
 1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.
- VÁRIOS AUTORES

- 1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Goboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de
- 1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.
- VICO, Giambattista
- 1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- VOGT, Carlos
- 1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
- 1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.
- WELLEK, René
- 1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
- 1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
- 1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.
- 1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen], trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaaios sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>



- Livro I:
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO
- Livro IX:
UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/ebook.br/docs/3.poesia>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
<http://www.e-book.uefs.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO

Em Fernando Pessoa vamos buscar material para afirmar que a transgressão operada pela arte se distingue da transgressão pela neurose, por se converter em força produtiva.

A arte não propõe uma acomodação, a partir dos mecanismos interiores, mas uma tradução destas motivações para uma linguagem socialmente compartilhável, como forma de atuação sobre as relações estabelecidas.

<https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL